

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA
DO BRASIL (CPDOC)**

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. A citação deve ser fiel à gravação, com indicação de fonte conforme abaixo.

AZEVEDO, Ana Lucia Vieira de. Ana Lucia de Azevedo (depoimento, 2008). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getulio Vargas (FGV), (0h 35min).

Esta entrevista foi realizada na vigência do convênio entre UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL e COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR (CAPES). É obrigatório o crédito às instituições mencionadas.

**Ana Lucia de Azevedo
(depoimento, 2008)**

Rio de Janeiro

2018

Ficha Técnica

Tipo de entrevista: Temática

Entrevistador(es): Virginia Pradelina da Silveira Fonseca;

Levantamento de dados: Virginia Pradelina da Silveira Fonseca;

Pesquisa e elaboração do roteiro: Alzira Alves de Abreu; Virginia Pradelina da Silveira Fonseca;

Técnico de gravação: Marco Dreer Buarque;

Local: Rio de Janeiro - RJ - Brasil;

Data: 10/12/2008 a 10/12/2008

Duração: 0h 35min

Arquivo digital - áudio: 1; Fita cassete: 1;

Entrevista realizada no contexto do projeto "Capitalismo e tecnologia no Jornalismo contemporâneo: funções sociais e práticas profissionais", desenvolvido pela Profa. Virginia Fonseca, orientada pela Dra. Alzira Alves de Abreu, dentro do plano de atividades do estágio pós-doutoral, realizado no CPDOC, entre março de 2008 e março de 2009. O principal objetivo do trabalho era refletir sobre a identidade do jornalista contemporâneo. A escolha dos entrevistados se justificou pelo cargo de direção na redação da organização jornalística em que atua, circunscrevendo-se, assim, à categoria de elite da profissão. Ela é editora da Editoria Ciência, do jornal O Globo.

Temas: Ciência e tecnologia; Família; Filiação partidária; Formação acadêmica; Formação escolar; Formação profissional; História; Imprensa; Jornalismo; Mídia; O Globo; Opinião pública; Política; Pós - graduação; Sociedade da informação; Universidade Federal do Rio de Janeiro; Universidade Federal Fluminense;

Sumário

Entrevista: 10.12.2008

Fita 1-A: Origens familiares; formação em Jornalismo na Universidade Federal Fluminense (1988); mestrado em Planejamento Ambiental na Universidade Federal do Rio de Janeiro (1999); trajetória profissional no jornal O Globo (desde 1988); formação escolar; motivos da escolha da profissão; estágios antes de ingressar no jornal O Globo; geração da década de 1980; perfil dos antigos jornalistas; profissionalização do jornalismo a partir da década de 1980; visão brasileira sobre a ciência; importância e método de elaboração das matérias da parte Ciência do jornal O Globo; explicação sobre sua rotina de trabalho; comentários sobre o caderno de História do jornal O Globo; funções que exerce no jornal O Globo; mudanças nos jornais impressos; necessidade de maior qualificação dos jornalistas; integração com outras mídias e jornais das Organizações Globo; importância das matérias relativas à ciência; critérios de seleção das fontes para elaborar as matérias jornalísticas; importância do jornalismo para a sociedade; imparcialidade no jornalismo; opinião do público sobre as matérias de ciência; utilidade das matérias de ciência na conscientização da sociedade; ausência de filiação partidária e com organizações; vontade de mostrar a importância da ciência para a sociedade.

Entrevista: 10/12/2008

V.F. – Qual o ano e o local do teu nascimento, a origem e formação dos teus pais e a tua formação superior?

A.A. – Eu nasci no Rio de Janeiro em 1966. O meu pai era médico, professor de Medicina e a minha mãe, pedagoga e professora de História. Meu pai já faleceu e minha mãe está aposentada há alguns anos. Eu me formei na Universidade Federal Fluminense, graduação em Jornalismo em 1988 e depois eu fiz mestrado em Geografia na Universidade Federal do Rio de Janeiro, na área de Planejamento Ambiental, e esse eu terminei em 1999. Tenho planos, sempre interrompidos, de fazer um doutorado.

Eu sempre trabalhei com jornalismo científico, estou no Globo desde 1988, desde que me formei, fiz toda a minha carreira aqui dentro, entrei como trainee, fui repórter, redatora e comecei a editar Ciência, porque antes a [editoria de] Ciência pertencia à [editoria de] Internacional, era uma sub-seção da Internacional, em 1994. Quando a Ciência se tornou independente, desde 2006/2007 é uma editora à parte, cresceu, incorporou História (foi o primeiro jornal a ter um projeto só de História, que era um projeto meu e do Luiz Novaes, que é o editor executivo da gente), incorporou o ano passado a Saúde e o Meio Ambiente, na verdade, sempre fez parte da Ciência. Outras editorias também cobrem, mas a pesquisa em meio ambiente é um assunto nosso, aquecimento global.

V.F. – Por que te decidiste pelo Jornalismo?

A.A. – A história é meio engraçada. Eu tenho formação bastante eclética. Eu fiz segundo grau na escola técnica, comecei fazendo Mecânica. Eu queria ser engenheira mecânica. Eu só não terminei o curso técnico, fiz um outro, porque eu tinha que trabalhar na época como desenhista, e eu sou péssima para desenhar, péssima, não tenho talento algum, eu queria trabalhar com máquinas, e mulher tinha que trabalhar desenhando em 1984. Então eu desisti e depois voltei para a engenharia, onde também tinha muito desenho. Eu pensei, não vou suportar todos esses desenhos, e resolvi fazer vestibular para Comunicação Social. Eu tinha planos de fazer Publicidade e Jornalismo, porque sempre gostei de escrever. Qual dos dois fazer primeiro? O curso de Jornalismo era obrigatório, o de Publicidade não era, então eu fiz Jornalismo primeiro. Comecei isso na UFF, acabei gostando mais de Jornalismo do que de Publicidade.

V.F. – Chegaste a fazer Publicidade depois?

A.A. – Fiz algumas cadeiras, nunca profissionalmente, porque comecei a estagiar muito cedo em Jornalismo, logo no segundo período.

V.F. – Então toda a tua carreira é desenvolvida aqui dentro do jornal O Globo?

A.A. – Com carteira assinada, profissional, pós-formada, sim, toda dentro do jornal O Globo. Eu fiz estágio em vários lugares – na Prefeitura, em mini-revistas... Eu comecei com Jornalismo Econômico. Eu sempre gostei de ciência, até por ter essa ligação com engenharia,

meu pai era médico... Sempre gostei de Ciência de uma forma geral, em particular das “desumanas” - têm as humanas e as “desumanas”, eu sempre gostei mais das “desumanas”: biologia, geografia, física, toda parte de Medicina, as engenharias, matemática.

V.F. – Não tinha pensado na possibilidade de chamá-las de “desumanas”...

A.A. – Tem uma amiga minha que é física, e que brinca que representou na SBPC aqui justamente as “desumanas”. Ela falava [...], eu sou das “desumanas”.

V.F. – Quais os fatos ou acontecimentos, no Brasil e no mundo, que marcaram a tua geração?

A.A. – Minha geração é, assim, meio amorfa. Ela pegou o fim da ditadura, meio que já nos seus estertores. Na UFF, o curso de História da UFF (eu tive seis meses no curso de História da UFF, paralelamente ao de Jornalismo) era famoso por ter abrigado muita gente perseguida pela ditadura... A minha geração, eu não acho ela particularmente marcante, ou interessante. Tem as Diretas Já, mas até hoje fico pensando se foi um modismo para a maioria das pessoas ou se elas estavam refletindo sobre isso. Acho que a minha geração é pouquíssimo ideológica, é mais pragmática talvez, é uma geração assim meio desprovida de sonhos. Não tinha mais essa coisa dos nossos pais – de lutar contra certos preconceitos. Preconceitos sempre têm, mas aquelas grandes causas... foi uma geração que já pegou tudo isso em andamento, deu prosseguimento, mas não vejo assim como uma coisa muito charmosa. Eu tenho uma visão muito pragmática. O Saramago disse recentemente “não sou eu que sou pessimista, o mundo é que é péssimo”. Eu concordo. Não sou tão pessimista, mas vejo a minha geração como uma coisa meio sem uma marca. Talvez a marca seja essa: não ter marca alguma.

V.F. – Qual a mudança mais importante que ocorreu no Jornalismo depois que começaste a trabalhar?

A.A. – Eu acho que ficou muito mais profissional. Antes, o jornalismo tinha uma visão meio romântica, o jornalista tinha a ilusão de que era intelectual. Então todos se achavam muito interessantes, pessoas absolutamente inteligentes, antenadas, bem-informadas, e era uma bagunça (o fechamento do jornal). Não tinha muito [a idéia] uma visão do jornalismo como profissão. A minha geração foi talvez a que tenha pego isso de uma forma mais marcante – a profissionalização do jornalismo. O Brasil passou a ter jornais como empresa, jornais grandes. O Globo mesmo, a partir dos anos 1980 veio passando por transformações, o jornal grande, o jornal nacional, é um jornal que vem dos anos 1980 para cá. A mesma coisa [ocorreu com] a *Folha de São Paulo*, o *Estadão*. Acho que o jornalismo brasileiro amadureceu mais – deixou de ser romântico, boêmio e intelectual para ser um profissional de informação, o que acho bom.

V.F. – Descreve-me a tua rotina de trabalho.

A.A. – Jornalismo de Ciência é fascinante, eu adoro, sou apaixonada por jornalismo científico, sempre fiz isso por opção. Se quisesse ter continuado no jornalismo econômico, minha vida teria sido infinitamente mais fácil e eu estaria ganhando muito mais do que ganho

hoje. O jornalismo econômico é o mais bem pago, tem imenso prestígio no Brasil. Acho que até em função do atraso do país, a Ciência é considerada um luxo, quase uma bobagem. As pessoas acham que política é importante, e que ciência não é. Eu acho que ciência é política com “P” maior, porque para começo é civilização em estado de desenvolvimento. Eu estou fazendo esse preâmbulo para dizer que sempre acordo, tenho sempre em mente, pegar uma notícia de ciência que o leitor comum possa identificar como importante para o país, para o dia a dia dele. Faço esse exercício diário de ficar mostrando: ciência é bacana, ciência não é difícil (pode até ser divertido) e é importante para a sua vida. Eu faço a pauta pela manhã, não participo da reunião com os editores pela manhã, porque a editoria de Ciência é muito pequena e se for para mais uma reunião não vai trabalhar, não vai conseguir fechar o dia.

V.F. – Como tu fazes essa pauta?

A.A. – A gente tem acesso aqui às grandes revistas científicas - *Science*, *Nature*, *British Medical Journal*, *The Lancet*, *Proceedings of the National Academy of Sciences* (PNAS), *New England Journal of Medicine*, *Journal of the American Medical Association* (Jama), *Current Biology*, *Cell*, dentre outras. Tenho acesso a todas essas com uma semana de antecedência, em sites embargados. Eu vejo no dia sempre o que vai ter lá fora, o que é importante, também vejo o que vai ter aqui importante. Como somos muito poucos, a gente procura pegar as matérias de Brasil e transformar em matérias especiais, mais elaboradas, e no dia a dia sai muita coisa de pesquisa feita lá fora, que vem em geral por essas revistas, não é por agência de notícia, não.

V.F. – Vocês acessam essas revistas pela internet?

A.A. – Pela internet. Minha vida é toda na internet. Meu contato com pesquisadores brasileiros, para ver o que eles estão fazendo, troca de e-mails.

V.F. – Tu preparas essa pauta de casa ou vens ao jornal?

A.A. – De casa, mando para a Helena (editora executiva que faz a reunião da manhã) por e-mail mesmo, a gente muda durante a tarde, porque jornal é muito dinâmico e à tarde entra alguma coisa mais importante, mas eu faço isso de casa.

V.F. – A que horas começas a trabalhar em casa?

A.A. – É variável. Eu acordo às 6h da manhã, porque eu tenho um filho pequeno, despacho ele para a escola, tento dormir mais uma horinha, e 7h30 ou 8h eu já estou trabalhando. Vejo o que vai ter de importante no dia, saio, vou cuidar da minha vida, chego no jornal por volta de duas horas [14h]. Porque tenho que olhar não só a Ciência mesmo (clima, meio ambiente, medicina), mas tenho que pensar na pauta da História (temos uma página de História por semana e é complicado fechar essa página).

V.F. – A página tem dia fixo para sair?

A.A. – Tem. Ela sai uma vez por semana, aos sábados, porque a gente acha que sábado as pessoas têm mais tempo para ler, são matérias mais elaboradas, maiores, a parte gráfica

também (ilustrar História não é muito simples, não dá para ser foto, é difícilíssimo). A idéia da História é pegar justamente o período órfão nos jornais de história (porque os jornais ou dão a contemporânea, muito recente, ou a arqueologia. Eu dava arqueologia, que não era bem história, mas eu disfarçava porque achava que era importante e dava aquela muito antiga. Mas aí tinha um período – de mais ou menos o ano 1 a mil setecentos e alguma coisa, mil e oitocentos, que era um vácuo, não tinha nada. Eu procuro privilegiar esse vasto período. Não que eu não dê contemporânea, é claro que dou (a matéria desta semana deve ser Primeira Guerra), mas eu tendo a privilegiar esse outro período. E tento mostrar por que o que aconteceu a 700 anos continua relevante, por que é importante saber isso. Nessa página, sempre tem uma obsessão de fazer um paralelo entre aquele fato e o cotidiano, mostrar porque História é importante. Aí vai o dia, eu chego aqui duas horas e vai até umas 9h30min, dez.

V.F. –Aqui na redação, qual é especificamente o teu trabalho?

A.A. – Nós trabalhamos aqui muito ligados (os quatro, tem um atrás do armário literalmente), volta a ver o que tem no dia, o que tem nesses sites de notícias (que não são bem os sites que a editoria de internacional e economia usam) – são sites de revistas científicas, mesmo as de divulgação de ciência, sites de universidades. Eu sempre dou uma olhada em tudo isso, olhos os e-mails (recebo muita coisa por e-mail, é uma loucura. Eu já limpei em casa, chego aqui e tem 100 ou 200 e-mails). Uma chuva de *press-release* (a gente não trabalha com *press-release*, é raríssimo uma notícia vendida por assessoria de imprensa emplacar, muito difícil, porque a gente tem um espaço pequeno por dia, então a gente super-seleciona. E aí é aquela coisa, não é: laranja na beira da estrada é ... coisas muito oferecidas em geral não são as mais relevantes.

V.F. – Tu tens aqui então um trabalho eminentemente jornalístico: produz matérias, pauta, escreve, edita.

A.A. – Eu escrevo cada vez menos, por falta de tempo. Escrever é a parte mais gostosa, a que mais gosto de fazer, mas nem sempre dá porque eu perco muito tempo respondendo a e-mails profissionais, o tempo inteiro.

V.F. – Fazes um trabalho de gerência da editoria?

A.A. – É, eu tenho que selecionar as pautas, eventualmente eu escrevo (as de História), mas cada vez menos por falta de tempo mesmo – porque ou você vai ver a pauta, resolver problemas de dia a dia (em jornal a gente tem problemas administrativos) ou você escreve.

V.F. – Quantas horas tem a tua jornada de trabalho?

A.A. – Aqui no jornal, dentro da redação, umas sete ou oito horas, mas é muito maior do que isso. Como começa de manhã, em casa, prefiro nem calcular, mas diria que é o dia inteiro. Aos fins de semana também . Se estou de folga no fim de semana, o que vou fazer: vou ler sobre ciência. Meus livros de cabeceira são todos de ciência, história, saúde... Eu nem consigo me lembrar de quando eu li um livro de ficção pela última vez, não faço a menor

idéia. Só leio não-ficção. Fico até feliz de ter lido os clássicos todos na minha adolescência porque se quisesse fazer isso agora, não conseguiria.

V.F. – Tu és realmente jornalista 24 horas, sete dias por semana.

A.A. – Eu me considero em férias quando consigo viajar, e aí tento fugir até da internet. As pessoas vão se divertir na internet e eu vejo a internet como trabalho. Então tento me isolar do mundo, porque se não, não estou de férias. Quase nunca consigo, mas tento.

V.F. – Qual é o perfil do jornalista que trabalha hoje nos jornais? Como descreverias o jornalista que está hoje nas redações?

A.A. – Eu acho que é muito variado. As gerações tendem à especialização. O jornal, para competir com internet (a notícia do dia a dia, aquela imediata, já está na TV, já está no rádio, está na internet). Então a tendência do jornal é dar as notícias mais elaboradas, mais analíticas. Para dar notícias analíticas, saber quem é fonte, tem que ser um repórter especializado. Então eu vejo perfis muito diferentes: tem os que escrevem melhor, os que apuram melhor, mas o que vejo em comum é essa tendência à especialização dentro de redação. E é importante mesmo, é o caminho. Embora todo mundo saiba fazer tudo. Quando *O Globo* fez 1980 anos, eu fechei tudo – fechei Esporte, fechei Economia, Política, tem que saber fechar tudo.

V.F. – Tem que dominar todo o processo de produção do jornal?

A.A. – De produção, certamente. Hoje em dia todo mundo tem que dominar esse processo, mesmo quem não é “fechador” (não é editor, coordenador no dia a dia), tem que ter o texto final, tem que saber apurar, não existe mais aquela figura do repórter que não sabe escrever, tem que saber escrever, editar, titular, ter noção de prioridade – isso todo mundo tem que ter.

V.F. – O teu trabalho é só para o Globo ou eventualmente tu trabalhas nas outras mídias da empresa?

A.A. – As Organizações Globo vêm passando por um processo de integração. Então muita coisa do que a gente faz vai para o *Globo Online* (a integração maior é com o *Globo Online*). No caso daquele vírus, que não era vírus mas uma bactéria sul-africana, o pessoal do *Extra* e do *Diário de São Paulo*, empresas que pertencem à Infoglobo, a gente estava trabalhando junto o tempo inteiro.

V.F. – Mas tu não produzes especificamente para eles?

A.A. – Não, eles pegam material e adaptam. O *Globo Online* geralmente pega na íntegra. O *Extra*, o *Expresso* e o *Diário de São Paulo*, como são jornais populares, adaptam, porque o nosso texto é sempre mais analítico. Eles têm as equipes deles que fazem isso.

V.F. – Eu gostaria que me falasses um pouco sobre os teus critérios para selecionar as notícias.

A.A. – Tem que ser importante para o leitor, tem que ser relevante para a vida dele de alguma forma. A ciência tem um desafio a mais, que eu acho super interessante, que às vezes não parece. Por que uma matéria sobre um início de pesquisa sobre genoma vai ser importante lá para a Dona Maria? Essa questão das células tronco, no início, eu era a maluca das células tronco, esse nome horroroso. Hoje em dia está todo mundo virou banana. Mas mesmo essas pesquisas mais básicas (os anticorpos monoclonais), a idéia é mostrar porque essas coisas são importantes, que impacto elas vão ter no dia a dia, por que o país deve investir nisso, porque é estratégico, o que significa abrir mão desse tipo de pesquisa. Quando é área médica, ou energia, ou clima, é mais tranquilo de fazer, mas mesmo matérias que não têm importância prática alguma é uma coisa ligada à civilização: descobrir um buraco negro milhões de vezes maior do que o sol não vai impactar em absolutamente nada no dia daquela pessoa, a não ser torná-la um ser pensante, e contribuir para isso. Uma vez eu estava conversando com um geneticista inglês que morou muitos anos no Brasil, chamado Andrew Simpson, ele foi uma das pessoas por trás dos primeiros projetos genoma no Brasil (ele é casado com uma brasileira), especialista em genética do câncer, um cara que trabalha numa área muito aplicada, e ele falou que acha que as pessoas têm que ter sempre alguém aprendendo grego antigo, aquele que já não era falado na época dos romanos) porque isso é civilização, é busca do conhecimento. Se você passa a não ver encanto nisso, você começa a deixar de ser humano, na verdade. Essa é uma coisa que nos distingue de um gorila, de um chipanzé.

V.F. – Quais os critérios que tu usas para selecionar as fontes?

A.A. – Primeiro, a credibilidade. Com os cientistas, tem uma grande vantagem. É fácil você ver elementos básicos para aquela pessoa ser considerada cientista. Eu vejo o currículo da pessoa, adoro a Plataforma Lattes, uso direto. Se é uma pessoa que você já conhece... mas se é uma pessoa que você nunca viu... Eu vejo a instituição a que essa pessoa está ligada, onde ela fez mestrado, doutorado, pós-doutorado, vejo se ela publica muito, se não publica, onde publica. Não me faz vista ir muito a congresso, porque eu sei que isso, em ciência, não é nada. [...] Para começar, cientista tem que ter doutorado, mas não é isso que faz um cientista, é o instrumental dele, mas vai além disso. Então eu vejo como é a produção científica dele, quem são os seus parceiros. Eu, obviamente, cometo injustiças no meio desse processo, mas eu tento ser o mais imparcial possível, o mais objetiva possível. Com pesquisadores brasileiros é assim, com pesquisadores estrangeiros é parecido – porque têm essas bases de dados, de publicação, ver onde elas foram publicadas. Quando é médico é um pouco mais complicado, porque muitas vezes têm interesses de laboratórios atrás, interesses comerciais... Nada contra os laboratórios, mas primeiro o interesse do leitor, consumidor. Então a gente fica atento para ver se não é só mais uma jogada de marketing. Toda hora tem uma pegadinha dessas. É difícil às vezes você perceber onde está a jogada, se os caras estão te manipulando.

V.F. – Na tua opinião, qual é a função do jornalismo na sociedade?

A.A. – Tem gente que diz que é educar. Eu não acho, não. Acho que é informar mesmo. As pessoas têm que ter consciência que de fato que estar informado te dá mais poder, porque te dá condições de avaliar melhor seu dia a dia, gerir melhor o seu dia a dia, se inserir no mundo. Então eu acho que é informar, que é dar subsídios para as pessoas viverem, melhorarem profissionalmente, sobreviver, não ser enganado, melhorar como ser humano... Daí a importância da imparcialidade, que é difícil, mas que a gente tenta. É obviamente difícil

ser imparcial, mas a gente tem que tentar cada vez e dar um passinho além. Por exemplo, eu fecho Ciência. Então, a Editoria de Ciência não pode ser uma editoria religiosa. Nada contra a religião, mas você não pode misturar, são coisas completamente diferentes. Então você tem que fazer as pessoas que trabalham com isso abrirem mão das crenças pessoais (para mim, elas podem acreditar num bule, se quiserem, mas não na hora de escrever). Não pode permitir, por exemplo, uma pessoa escrevendo sobre biologia e ser creacionista. Ele tem todo o direito de acreditar no que quiser, mas se ele estiver escrevendo sobre biologia, ele [o jornalista] tem que ser neutro. Não pode acreditar em astrologia, astronomia é o que vale. Se lê o seu horóscopo todo dia em casa, problema seu, guarde isso para você, mas não traz para o jornal. É uma coisa de saber fazer essa diferença no dia a dia. É claro que em outras editorias, como Política, é claro que há simpatias partidárias [...], mas você tem que tentar separar isso do seu trabalho, porque se não fica inviável, inclusive você perde credibilidade. Eu raramente escrevo artigos para o jornal. Estou aqui há 20 anos e escrevi pouquíssimos artigos, porque como edito uma área bastante sensível em alguns pontos (transgênicos, célula tronco, área nuclear), eu não posso tomar partido. É claro que eu tenho as minhas opiniões pessoais em relação a vários desses pontos [assuntos, temas], mas se eu começo a defender um ponto arduamente, por que aquele que não concorda comigo vai achar que tenho credibilidade para cobrir esse assunto. Então eu tenho que ser o mais neutra possível. Só teve uma vez que o jornal se manifestou oficialmente e eu também escrevi – que foi sobre as células-tronco. Aí eu achei que era uma questão de separação do Estado laico da religião. O Estado tem que ser laico, e aí foi uma posição muito bem pensada. Fora isso, todas as outras questões (transgênico, nuclear) eu tenho a minha opinião, em casa, aqui eu vou ouvir os dois lados, isso é muito importante.

V.F. – Então a questão da objetividade jornalística é uma meta?

A.A. – É uma meta, tem que perseguir sempre, e muito difícil, principalmente nesses temas mais apaixonantes – tipo fertilização assistida, a questão lá da mãe de 70 anos – se uma mulher mais velha pode ter filhos, tem a questão do direito da criança [...] Não é censurar a mulher mais velha que quer ter filhos, mas também tem que pensar na criança que vai ficar órfã.... A gente tenta ser bastante neutro.

V.F. – Quando tu selecionas as pautas, as fontes, os temas que vão ser notícia, tu te preocupa com a audiência?

A.A. – É um balanço difícil – entre o que o leitor gosta e o que você está vendo que é importante mesmo. A gente tenta equilibrar as coisas. A Ciência tem uma leitura muito grande do público jovem, ela tem uma boa aceitação. Se o leitor fosse ouvido, a Ciência teria muito mais espaço do que ela tem. É um dos assuntos mais queridos do leitor: Ciência, Saúde, Meio Ambiente são muito queridos do leitor. O leitor adora Saúde, adora Medicina, sempre tem matérias de saúde, de medicina, até porque elas são de utilidade pública mesmo, têm uma óbvia relevância delas, e a gente tenta botar isso. Mas de vez em quando, também é importante botar aquele NHC, que é aquele experimento de física super caro para tentar simular o início do universo, e saber como foi o *big bang*, um experimento bilhardário de física, muito básico, muito difícil, e que a gente acha relevante, embora não seja uma notícia que provoque espasmos de excitação no leitor. A gente tenta despertar para coisas novas. O projeto Genoma – a área de Biologia Molecular é muito difícil, muito básica em pesquisa, foi

um dos assuntos mais lidos. Das manchetes, teve assim 90% de leitores na época. Todo mundo ficava impressionadíssimo. É lógico: se é uma coisa que você diz que vai mudar a medicina, que vai mudar a própria concepção que as pessoas têm do mundo, é claro que elas ficam interessadas [...].

V.F. – Tu tens liberdade total para pautar, ou tem a ingerência de alguém, de um superior hierárquico...?

A.A. – Não, Ciência tem pouquíssimo... As pessoas sugerem, mas são sempre sugestões, a gente tem bastante liberdade.

V.F. – Tu achas que as matérias que tu selecionas, que o jornal publica, que elas têm capacidade de formar uma agenda pública?

A.A. – Em muitos temas, sem dúvida. Eu acho que mudanças climáticas, a imprensa, a mídia como um todo foi fundamental para as pessoas se conscientizarem que era importante, virou agenda oficial dos governos. O Ministério do Meio Ambiente, que era a coisa inexpressiva do mundo, ganhou importância. Células-tronco também. Era uma coisa muito, muito específica e mobilizou toda a sociedade. Acho que a imprensa, mais uma vez, teve papel fundamental em mostrar para o público – olha a discussão é essa, e a população se manifestou, teve muita gente participando de campanha, quando as pesquisas mostravam assim um nível de aprovação absurdo na sociedade. Não tinha como ir contra aquilo, mesmo as pessoas muito religiosas, não é. Esses são dois temas muito emblemáticos – como transformar a sociedade, porque são conceitos difíceis. Clima é uma ciência complicadíssima, célula-tronco também, no entanto elas entraram para o dia a dia das pessoas. Tem vários outros, mas acho que esse é muito emblemático, porque são duas áreas muito herméticas e que ganharam uma popularidade imensa, viraram assunto de botequim, pauta de governo.

V.F. – Tu tens algum tipo de filiação ideológica ou partidária?

A.A. – Nada. Nenhuma. Não tenho vontade. Aos 14 anos, eu queria cortar cana na Nicarágua. Aí a adolescência passou... Eu sou muito simpática à causa das mulheres, mas não propriamente à causa feminista, e sim dos direitos iguais. Na verdade, não queria ser diferente em nada, então não é propriamente... o termo feminista me incomoda um pouco, porque não é bem isso. Nunca tive vontade, também acho que não seria correto. Eu não tenho nem filiação com grupo ecológico, sociedade de nada. Pode levantar, a única sociedade da qual já fiz parte foi o Clube de Observadores de Aves, mas cada um tem direito a ter suas próprias idiossincrasias – eu já abandonei há muito tempo por falta de tempo. Faz uns 20 anos que não apareço por lá. O Carlos Albuquerque, que é um crítico de música, com muita experiência, com um nome no mercado, ele começou a fazer Ciência há uns dois anos, por vontade própria, e eu disse: olha, acabou sua carteirinha do Greenpeace, você se despede deles, porque não dá para você ser afiliado, nem contra nem a favor. Você não pode ter comprometimento com alguma coisa que tenha a ver com o seu trabalho, se não cadê sua imparcialidade para falar daquilo?

V.F. – Há algum tema, algum assunto que a gente não tenha abordado aqui e que tu gostarias de acrescentar?

A.A. – Eu insisto na relevância do jornalismo de Ciência, de como isso é importante para o Brasil, de como é aí que a gente vê que o Brasil ainda tem muito que melhorar, que ainda é muito pequeno, muito incipiente, que Ciência é importante. Se você está usando uma roupinha, você acha que surgiu como – de geração espontânea? Celular, foi feito como? As pessoas não conseguem associar todo o mundo em que elas vivem, o que elas comem, nosso PIB é uma agroindústria, e as pessoas não conseguem ver a importância da Ciência. Eu tenho uma meta, quase uma obsessão de mostrar, de como se não nós seríamos de fato sequer república de bananas, porque o plantio de bananas já está bastante tecnológico. Isso eu sempre gosto de frisar. Eu acho que é importante todo dia mostrar isso, por que a ciência está mexendo ali, o que ela está produzindo para o futuro, porque se ela já está na prática ela deixa de ser ciência. Isso é uma obsessão.

[FIM DA ENTREVISTA]